



Economia

Portugal. O Banco de Portugal (BdP) publicou na semana passada o **Boletim Económico** de outubro (BE), no qual divulgou uma atualização das projeções económicas. O BdP antecipa um crescimento real da 4.8% da economia portuguesa em 2021, tendo assim mantido inalterada a projeção anterior (junho). Não obstante, o banco central antecipa um contributo mais favorável da procura interna, compensando a redução do contributo das exportações líquidas. Em comparação com o BE de junho, enquanto no primeiro caso o contributo esperado passou de 2.4 p.p., para 3.0 p.p., no segundo caso fixa-se agora em 1.8 p.p., menos 0.7 p.p. do que anteriormente. A melhoria da previsão para a procura interna resulta de valores mais elevados do crescimento do consumo privado, enquanto a projeção para o crescimento da formação bruta de capital fixo foi reduzida, embora continue positiva.

De acordo com o INE, o **Índice de Volume de Negócios na Indústria** registou uma variação homóloga de 13.8% em agosto, após uma subida de 12.2% no mês anterior. Enquanto o nacional averbou um crescimento de 11.8% (8.1% em julho), o mercado externo cresceu de forma mais acentuada: 17.4% (18.4%). O volume de negócios na indústria já supera em 7.3% o valor observado durante o ano de 2019 (pré-pandemia),

Área Euro. A **inflação no produtor (PPI)** registou uma variação homóloga de 13.4% em agosto, mais 1.0 p.p. do que no mês anterior, o que representa um novo recorde da série (desde 1995). O *PPI subjacente (ex. energia)* também atingiu um novo recorde histórico de 7.4%, após 6.8% em julho (o pico anterior era de 4.5% em 2011). Por sua vez, o PPI da energia registou um crescimento de 32.0%. Com exceção da componente energética, a variação do PPI dos bens intermédios foi a mais elevada, 14.2%, enquanto o PPI de bens de capital aumentou 3.1% em relação ao ano anterior, também o mais elevado em termos históricos. No mesmo mês, o **volume das vendas a retalho** aumentou 0.3%, em cadeia, após 2.6% em julho. Em comparação com agosto do ano anterior, o volume do comércio a retalho permaneceu inalterado.

No segundo trimestre de 2021, os **preços das habitações** aumentaram 6.8% em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, após 5.7% no trimestre anterior. Este crescimento homólogo corresponde ao mais elevado desde o quarto trimestre de 2006. Em cadeia, os preços das casas aumentaram 2.6% no segundo trimestre, seguindo uma variação de 1.3%. Entre os países da União Europeia, as variações (homólogas) situaram-se entre os 15.6% da Dinamarca e os -4.9% do Chipre (o único com variação negativa). Entre os principais países, destaca-se a Alemanha (10.9%), França (5.7%), Espanha (3.3%), Itália (0.4%) e Portugal (6.6%).

EUA. A economia americana gerou 194 mil **postos de trabalho** em setembro, após 366 mil no mês anterior, o que corresponde ao menor ganho mensal desde o início de 2021. Os principais aumentos de emprego ocorreram no lazer e hospitalidade (74 mil), nos serviços profissionais e empresariais (60 mil) e comércio a retalho (56 mil). Em sentido contrário, o emprego no ensino público diminuiu 161 mil. Desta forma, o número de postos de trabalho recuperou já 17.4 milhões desde a forte queda em abril de 2020, permanecendo ainda 5.0 milhões, ou 3.3%, abaixo do valor pré-pandemia.

A **taxa de desemprego** diminuiu para 4.8% após 5.2% em agosto, o que representa o mínimo desde março de 2020, refletindo uma menor participação na força de trabalho. Apesar da moderação, o crescimento dos salários continuou a apresentar uma forte variação, neste caso 5.1%, depois de 5.4% no mês anterior.

O número de **pedidos primários de subsídio de desemprego** diminuiu para 326 mil na semana terminada a 2 de outubro, aproximando-se do mínimo observado durante a pandemia de 312 mil observado em setembro.

PMI. Os PMI globais evidenciaram uma aceleração marginal da expansão económica global no mês de setembro. O PMI industrial abrandou de 55.5 para 55.0 pontos, continuando a sofrer o impacto das ruturas nas cadeias de abastecimento e escassez de material. Contudo, o PMI dos serviços compensou a moderação observada no indicador da indústria ao passar de 55.0 para 56.4 pontos.

Bancos Centrais. O **Banco Reserva da Nova Zelândia** subiu a sua taxa de juro de referência de 0.25% (mínimo histórico) para 0.50% e sinalizou novos aumentos ao longo do próximo ano, uma vez que tenciona controlar a inflação alimentada pelo aumento dos preços do petróleo, custos de transporte e ruturas na cadeia de abastecimento. Pela mesma razão, o **Banco Central da Polónia** incrementou, neste caso de forma inesperada, a sua taxa de juro diretora em 40 p.b., fixando-a em 0.50%.

Segundo as **atas referentes ao Conselho de Governadores do Banco Central Europeu (BCE)** divulgadas esta semana, embora o BCE mantenha a expectativa que a inflação seja transitória e que no médio-prazo continue abaixo dos 2%, a avaliação dos riscos associada ao crescimento dos preços tornou-se mais equilibrada. O BCE reconheceu que a inflação surpreendeu em alta face às projeções anteriores, o que levanta dúvidas em relação à capacidade preditiva dos modelos, tendo em consideração o choque provocado pela pandemia e a atuação da política monetária. Outra observação feita pelo BCE foi que "mesmo que o atual choque de inflação fosse em grande parte temporário, só seria necessária que uma pequena percentagem deste se tornasse permanente para a inflação se aproximar dos 2% no final do horizonte de projeção". Em relação ao programa de compra de ativos PEPP, alguns dos membros pediram que a redução fosse mais substancial, com base na melhoria das condições de financiamento e das perspetivas económicas. Outros membros pediram uma redução mais prudente.

Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 8 de outubro às 12h00)

Nos mercados financeiros, a semana ficou marcada pela melhoria de alguns indicadores económicos que elevaram a confiança dos investidores, com tradução numa maior exposição a classes de risco mais elevado. Ainda assim, o clima de incerteza permanece elevado dado o aumento dos preços da energia e as perspetivas de subida das taxas de juro com o intuito de combater a inflação. Nos EUA, o acordo no Senado que para já suspende o limite do défice orçamental contribuiu para a redução da volatilidade, pelo menos até dezembro.

Nos **mercados monetários** continuaram a verificar-se variações reduzidas tendo em conta a manutenção das condições financeiras muito favoráveis. A publicação da ata da última reunião do BCE não trouxe novidades quanto ao rumo da atual política monetária. As taxas Euribor desceram 0.4 e 0.1 p.b. nos prazos de 1 e 3 meses, subindo 0.8 e 0.6 p.b. a 6 e 12 meses, respetivamente. A curva encontra-se agora compreendida entre -0.561% (1 mês) e -0.482% (12 meses).

Na curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se um aumento em todas as maturidades ao longo da curva pela sexta semana consecutiva, com a taxa no vencimento de dezembro/2025 a fixar-se em 0.16% (+8.0 p.b.).

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram a semana com aumentos generalizados, atingindo os níveis mais elevados desde o final de maio. A tendência atual continua a ser motivada pelas preocupações com as pressões inflacionistas (pressionado pela escalada do preço da energia) e pelas as expectativas quanto ao agravamento da política monetária em todo o mundo. As taxas de juro a 10 anos registaram uma variação compreendida entre +6 p.b. (em Portugal, Grécia, Espanha e Itália) e +13 p.b. no Reino Unido. Na Alemanha, a *yield* subiu 7 p.b., para -0.15%, tendo o *spread* face a Portugal (*yield*: 0.38%) sido de em 53.6 p.b..

Nos EUA, as *yields* de longo prazo atingiram os níveis mais elevados desde meados de junho uma vez que os investidores acreditam que a Reserva Federal começará a reduzir o seu programa de estímulos já este ano. As taxas de juro a 10 e 30 anos fixaram-se em 1.60% e 2.14% respetivamente. (Fig.1)

Nos **mercados acionistas** os principais índices encerraram a semana em terreno positivo ainda que de forma moderada. A estabilização dos indicadores económicos a nível global aliado à estabilidade orçamental nos EUA terão sido os fatores mais relevantes ao longo da semana, na ausência de outros catalisadores de novos impulsos. Recorde-se que a maioria dos índices dos países desenvolvidos registaram valorizações superiores a dois dígitos no final do 3.º trimestre. Nos EUA, o índice de volatilidade de ações *VIX* fechou novamente abaixo de 20 pontos (19.5), com o *S&P500* e o *Dow Jones* a subir 1.0% e 1.2%. Na Europa verificou-se um movimento idêntico, com o *Eurostoxx600* a valorizar 1.0%, salientando-se os índices de Espanha (*IBEX*: +1.8%) e de Itália (*MIB*: +1.6%). A nível setorial europeu, algumas das empresas cíclicas que tendem a mover-se em conjunto com a economia registaram movimentos mais amplos, caso dos *bancos* (+4.1%) ou dos *recursos naturais* (+3.2%), apesar da queda no setor de *lazer e viagens* (-3.1%).

Nos países emergentes, o *MSCI* apreciou-se 0.5%, liderado uma vez mais pelos índices na Índia (*Sensex*: +2.2%) e na Rússia (*MOEX*: +3.8%).

Nos **mercados cambiais**, o *euro efetivo* acumulou depreciação de 0.4% na semana, em particular face ao *dólar* norte-americano (-0.3% para \$1.156), o valor mais baixo desde julho de 2020 e contra a *libra* (-0.9%, fixando-se em £0.848). O *iene* japonês depreciou-se 0.7% face ao *dólar* (caindo para o mínimo desde fevereiro do ano passado ¥112) tendo em conta o aumento das *yields* norte-americanas, ao mesmo tempo que no Japão não há indícios de agravamento da política monetária no curto prazo.

No que concerne às **matérias-primas**, a cotação do petróleo continua a tendência ascendente iniciada em agosto, com o *brent* a valorizar 4.3% para \$83.0/bbl, atingindo o máximo desde outubro de 2018. Apesar do aumento dos inventários de *crude* dos EUA pela segunda semana consecutiva, a procura continua a superar a oferta, numa altura em que a *OPEC+* afirma não tencionar alterar os seus níveis de produção atuais. (Fig.2)

Fig. 1

Europa: Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)



Fig. 2

Evolução da cotação do Brent (\$/bbl) e do dólar efetivo (\$)



Mercado das matérias-primas - Energia

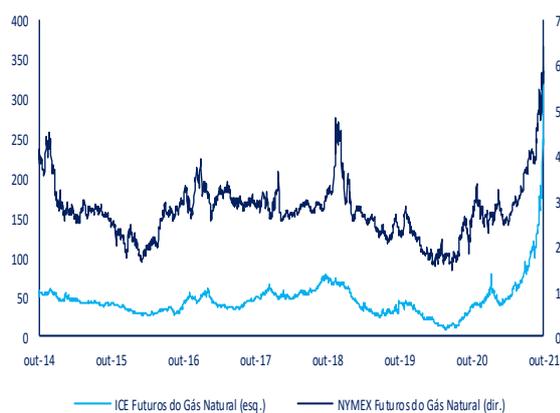
Indicador global do preço das matérias-primas



O indicador global composto da *Bloomberg* respeitante às matérias-primas atingiu na semana passada um máximo histórico em função da apreciação da cotação de diversas *commodities*, em particular no segmento energético. A recente tendência altista tem contribuído para um agravamento dos receios dos investidores em relação às perspetivas para a inflação, com a possibilidade das leituras elevadas poderem afinal ter um caráter mais sustentado, algo que terá impacto negativo nas margens das empresas, na procura final e nas políticas monetárias dos bancos centrais. Para além disto, dado que a valorização dos preços das matérias-primas e o aumento das taxas de rendibilidade das obrigações soberanas podem também afectar o crescimento, os investidores têm revelado crescentes receios com a possibilidade de um cenário de **estagflação**.

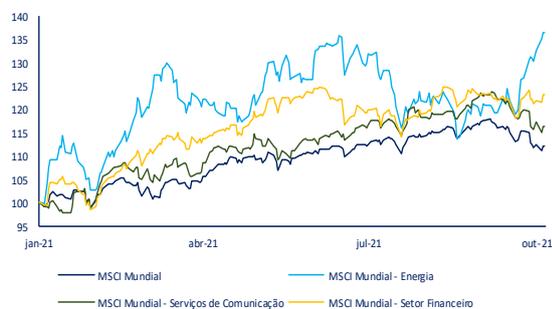
Um cenário de estagflação é caracterizado por um contexto de valores de inflação elevados em simultâneo com baixo crescimento económico (e muito provável aumento de desemprego). Este contexto poderá advir tanto do efeito de supressão da oferta, como da ancoragem das expectativas de inflação em valores mais elevados.

Evolução dos futuros do Gás Natural



Na base do atual desempenho do índice composto das matérias-primas encontra-se sobretudo a componente energética, e em particular o preço do *gás natural*, cuja cotação dos contratos de futuros registou fortes subidas, atingindo nos EUA o valor mais elevado em 12 anos. Os níveis de procura têm aumentado substancialmente, em resultado, em boa parte, da substituição de fontes energéticas mais tradicionais como o carvão. Para além dos EUA, este fenómeno observou-se também nos futuros na Europa e na Ásia. Em ambos os casos registaram-se os preços mais elevados em vários anos. A aproximação do Inverno e o expectável aumento da procura de forma a suprir as necessidades energéticas para aquecimento têm suscitado uma crescente preocupação quanto a uma potencial escassez. A falta da matéria-prima poderá resultar num novo aumento do preço que irá inevitavelmente continuar a alimentar a inflação via bens energéticos incluídos nos cabazes de preços.

Evolução do índice de ações mundial (01/01/2021=100)



Em função dos recentes acontecimentos, observou-se uma subida acentuada dos ganhos dos índices de ações de empresas do setor energético, ao passo que no caso do índice geral a tendência foi de queda.

Desta forma no *MSCI*, ao contrário de outros setores, o índice de *Energy* não registou o mesmo movimento de correção evidenciado recentemente.

Os investidores tomaram posições mais defensivas, tornando as suas carteiras de títulos mais expostas ao setor energético, normalmente menos sensíveis a oscilações do ciclo económico.

Face ao potencial de uma crise energética e as suas implicações inflacionistas e orçamentais, os ministros das Finanças do Eurogrupo concordaram "que uma parte significativa da evolução actual é susceptível de ser temporária". Não obstante, os governantes estão "conscientes da necessidade de abordar o impacto social" e prometeram não deixar que os preços afetem as empresas ao ponto de "comprometer a recuperação", através de "políticas orçamentais". Uma das possíveis medidas seria um maior aprovisionamento e armazenamento a nível europeu, algo que se traduz, no entanto, numa pressão ainda maior do lado da procura.

EUA - Debt Ceiling

Qual é o teto da dívida?

O teto da dívida (“*debt ceiling*”) corresponde ao limite legal de dívida federal que o governo norte-americano pode acumular. O limite aplica-se a quase toda esta dívida, incluindo a do público e aquela que é devida a si mesmo, isto é, como resultado de empréstimos de várias contrapartes do governo, como por exemplo aos fundos fiduciários da Previdência Social e ao *Medicare*. Nos EUA, tal como no resto do mundo, a dívida tem aumentado nos últimos anos devido aos sucessivos défices orçamentais anuais.

Quando foi estabelecido o teto da dívida?

Antes de estabelecer o teto da dívida, o Congresso era obrigado a aprovar cada emissão de dívida por via de um processo legislativo próprio. A figura do *debt ceiling* foi promulgada pela primeira vez em 1917 por via do *Second Liberty Bond Act* com um valor de \$11.5B e com o propósito de simplificar o processo orçamental e aumentar a flexibilidade ao nível do financiamento público. Em 1939, o Congresso criou o primeiro limite de dívida agregada cobrindo quase toda a dívida do governo, fixando-a em \$45B, cerca de 10% acima da dívida total na época.

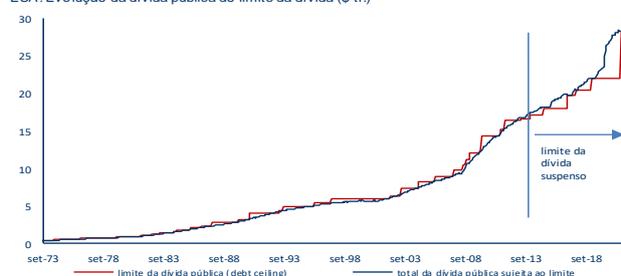
Quanto vezes já foi o teto da dívida modificado?

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Congresso e o Presidente modificaram o teto da dívida quase 100 vezes. Durante a década de 1980, o teto da dívida aumentou de menos de \$1 trilhão, para quase \$3 trilhões. Ao longo da década de 1990 este valor praticamente duplicou, para perto de \$6 trilhões e, na década de 2000, registou-se uma nova duplicação para um pouco acima de \$12 trilhões.

A Lei de Controle do Orçamento de 2011 aumentou automaticamente o teto da dívida em \$900 biliões e deu ao Presidente autoridade para aumentar o limite em US \$1.2 trilhões para \$16.39 trilhões.

Os legisladores suspenderam o limite da dívida sete vezes desde fevereiro de 2013, precisamente quando atingiu aquele valor. Sempre que é restituído, o teto sobe automaticamente até ao valor da dívida à data. A suspensão mais recente começou em 2 de agosto de 2019 e terminou no passado dia 31 de julho de 2021.

EUA: Evolução da dívida pública do limite da dívida (\$ tr.)



Fonte: US Treasury

Nesse dia o teto subiu para o valor da dívida, cerca de \$28.5 trilhões. Desde então o Tesouro norte-americano colocou em marcha medidas extraordinárias que, de acordo com a Secretária do Tesouro Janet Yellen, deverão ser esgotadas por volta do dia 18 de outubro.

Uma vez que o governo atinja o teto da dívida e esgote todas as medidas extraordinárias disponíveis, não é mais permitido emitir dívida e logo depois ficará sem disponibilidade em caixa. Nesse ponto, dados os défices anuais, as receitas recebidas serão insuficientes para pagar milhões de obrigações diárias à medida que estas vencem.

Possíveis consequências

A partir deste ponto, o governo federal terá que deixar de cumprir, pelo menos temporariamente, muitas de suas obrigações, com potenciais consequências - (i) *Incumprimento da dívida*, e (ii) *Government Shutdown* pagamentos de segurança social e salários de funcionários civis federais e militares até benefícios para veteranos e contas de serviços públicos, entre outros. Um *Incumprimento* ocorre quando o Tesouro deixa de ter disponibilidade em caixa suficiente para pagar as obrigações que já foram feitas. No contexto do teto da dívida, um *default* seria precipitado pelo governo, excedendo o limite legal da dívida e sendo incapaz de pagar todas as suas obrigações para com seus credores (internos e externos). Um *Government Shutdown* (paralisação do Governo) ocorre quando o Congresso não consegue aprovar projetos de lei de apropriação que permitem que as agências efetuem novos gastos. Como resultado, o governo interrompe temporariamente o pagamento de funcionários e contratados que executam serviços governamentais. Enquanto uma paralisação do governo é considerada prejudicial, um incumprimento do governo poderia ser desastrosa.

Situação atual

O Senado aprovou esta semana o aumento do limite máximo da dívida para \$28.9B até dezembro. O *US Treasury* havia avisado que se o limite não fosse aumentado, não haveria fundos para o serviço da dívida possivelmente a partir de 18 de outubro. O enfoque passará para a possibilidade de, uma vez aprovado o acordo pelo Senado, o Congresso alargar o horizonte temporal desta medida ou implementar outras para apoiar o plano do Presidente Biden que inclui reformas sociais e investimentos em infraestruturas.

Recuperação do Comércio Mundial (fonte: World Trade Organization)

O prolongamento da recuperação da atividade económica global no primeiro semestre de 2021 elevou o volume de comércio de mercadorias para lá dos níveis pré pandemia, contribuindo para que a Organização Mundial do Comércio (OMC ou WTO) tenha revisto novamente em alta as previsões para o biénio 2021-2022.

Table 1: Merchandise trade volume and real GDP, 2017-2022*

Annual % change	2017	2018	2019	2020	2021P	2022P
Volume of world merchandise trade^b	4.8	3.1	0.1	-5.3	10.8	4.7
Exports						
North America	3.4	3.8	0.3	-8.6	8.7	6.9
South America ^c	2.2	-0.2	-2.2	-4.7	7.2	2.0
Europe	4.1	1.9	0.6	-7.9	9.7	5.6
CIS ^d	3.9	4.1	-0.3	-1.5	0.6	8.5
Africa	5.3	3.6	-0.7	-8.8	7.0	6.0
Middle East	-2.2	4.8	-2.2	-11.6	5.0	9.6
Asia	6.7	3.7	0.8	0.3	14.4	2.3
Imports						
North America	4.4	5.1	-0.6	-6.1	12.6	4.5
South America ^c	4.4	5.6	-2.6	-9.9	19.9	2.1
Europe	3.9	1.9	0.3	-7.6	9.1	6.8
CIS ^d	13.9	4.0	8.5	-5.6	13.8	-0.8
Africa	-1.7	5.3	2.8	-11.1	11.3	4.1
Middle East	1.2	-4.1	2.4	-13.9	9.3	8.7
Asia	8.5	5.0	-0.5	-1.2	10.7	2.9
World GDP at market exchange rates	3.2	3.1	2.4	-3.5	5.3	4.1
North America	2.3	2.8	2.0	-4.0	5.6	3.7
South America ^c	0.7	0.3	-0.5	-7.5	4.9	2.9
Europe	2.7	2.0	1.5	-6.4	4.3	4.0
CIS ^d	2.3	3.1	2.6	-2.7	3.9	3.4
Africa	3.1	3.0	2.9	-2.8	3.5	4.1
Middle East	0.7	0.4	0.0	-4.6	2.9	4.5
Asia	5.0	4.7	3.9	-0.9	6.1	4.7

Em abril de 2020 e com o início da crise de *Covid-19*, os piores receios levaram a OMC a estimar uma queda do volume do comércio mundial entre 13% a 23%, após um abrandamento de 0.1% em 2019, derivado das tensões comerciais que se assentaram desde o início de 2018. No entanto, o cenário mais pessimista não se concretizou, registando-se uma queda de apenas -5.3% em 2020, devido aos planos de auxílio implementados de forma sincronizada que suportaram o consumo privado das famílias e o investimento das empresas, por um lado, e ao desenvolvimento rápido e implementação eficaz da vacinação, por outro, o que contribuiu para uma rápida recuperação da confiança de todos os agentes económicos.

De acordo com a publicação de outubro, a OMC espera que o volume de comércio mundial de mercadorias tenha um crescimento de 10.8% em 2021, revisto em alta (+2.8 p.p.) face a março, devido em parte ao efeito base. No próximo ano, o ritmo de expansão deverá abrandar para 4.7% (+0.7 p.p.), ritmo semelhante ao verificado em 2017.

Os riscos negativos mais significativos provêm da evolução da pandemia. A hipótese de surgirem novas variantes ainda mais perigosas da *Covid-19* poderá retardar a evolução positiva registada nos últimos trimestres.

As divergências significativas entre países e algumas regiões em desenvolvimento muito aquém da média global irão manter-se enquanto a ausência de equidade na distribuição das vacinas permaneça.

No segundo trimestre de 2021, o crescimento homólogo do volume do comércio mundial fixou-se em 22%, devendo abrandar para um valor compreendido entre 6.6% e 10.9% nos dois últimos trimestres do ano, refletindo já a recuperação do segundo semestre do ano passado.

O crescimento do volume de comércio deverá ser acompanhado por um crescimento do PIB real acima de 5.0% e 4.0% em 2021 e 2022, respetivamente, de acordo com a mediana de mercado.

Em julho, o FMI estimava que a expansão do PIB mundial pudesse atingir 6.0% já este ano, ressaltando igualmente a dicotomia entre a maioria dos países desenvolvidos e algumas regiões emergentes.

Existem outros riscos para este cenário que, apesar do elevado grau de incerteza, incluem aumentos súbitos de inflação e perturbações do lado da oferta, e cuja tendência atual faz temer por um período prolongado de crescimento baixo e inflação mais elevada, riscos acentuados pela retirada dos programas de estímulos orçamentais e pela possibilidade de agravamento das condições monetárias por parte dos bancos centrais.

É provável que o comércio de serviços fique atrás do de mercadorias, em termos do grau de retoma, particularmente em setores relacionados com viagens e lazer.

Em termos globais, o volume nos serviços diminuiu 9.0% no primeiro trimestre em termos homólogos, em grande parte como resultado das perturbações no setor de viagens, que diminuiu 62%. Em contrapartida, os serviços financeiros e outros serviços empresariais registaram um aumento de 6.0% em relação ao ano anterior.

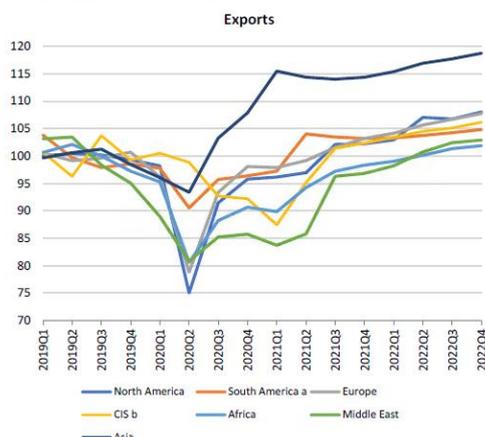
Chart 1: World merchandise trade volume, 2015Q1-2022Q4

Index, 2015=100



Sources: WTO and UNCTAD for trade volume data; WTO for forecasts.

Volume index, 2019=100





Anexo de Informação Financeira - (atualizado sexta-feira, 8 de outubro às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):				
	31-dez-20	30-set-21	1-out-21	8-out-21	2021 YTD	Mês	Semana		
EURIBOR Act/360 dias									
1 mês	-0,554	-0,563	-0,557	-0,561	↓ -0,007	↑ 0,002	↓ -0,004		
3 Meses	-0,545	-0,545	-0,547	-0,548	↓ -0,003	↓ -0,003	↓ -0,001		
6 Meses	-0,526	-0,528	-0,526	-0,518	↑ 0,008	↑ 0,010	↑ 0,008		
12 Meses	-0,499	-0,488	-0,488	-0,482	↑ 0,017	↑ 0,006	↑ 0,006		
LIBOR USD Act/360 dias									
LIB 1 mês	0,144	0,080	0,075	0,087	↓ -0,057	↑ 0,007	↑ 0,012		
LIB 3 meses	0,238	0,130	0,133	0,124	↓ -0,114	↓ -0,006	↓ -0,009		
LIB 6 meses	0,258	0,159	0,157	0,156	↓ -0,102	↓ -0,002	↓ -0,001		
LIB 12 meses	0,342	0,237	0,235	0,241	↓ -0,101	↑ 0,005	↑ 0,006		

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-set-21	1-out-21	8-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Portugal	0,030	0,355	0,321	0,382	↑ 0,352	↑ 0,027	↑ 0,061	
Espanha	0,047	0,459	0,423	0,484	↑ 0,437	↑ 0,025	↑ 0,061	
Grécia	0,628	0,877	0,851	0,911	↑ 0,283	↑ 0,034	↑ 0,060	
Itália	0,543	0,858	0,812	0,878	↑ 0,335	↑ 0,020	↑ 0,066	
França	-0,338	0,155	0,123	0,187	↑ 0,525	↑ 0,032	↑ 0,064	
Alemanha	-0,569	-0,199	-0,224	-0,154	↑ 0,415	↑ 0,045	↑ 0,070	
Reino Unido	0,197	1,022	1,002	1,130	↑ 0,933	↑ 0,108	↑ 0,128	
Suíça	-0,550	-0,164	-0,177	-0,102	↑ 0,448	↑ 0,062	↑ 0,075	
EUA	0,913	1,487	1,462	1,589	↑ 0,676	↑ 0,102	↑ 0,127	
Japão	0,021	0,072	0,062	0,087	↑ 0,066	↑ 0,015	↑ 0,025	

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-set-21	1-out-21	8-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Eurostoxx 600	399	455	453	458	↑ 14,7%	↑ 0,6%	↑ 1,0%	
IBEX	8074	8796	8800	8959	↑ 11,0%	↑ 1,8%	↑ 1,8%	
CAC	5551	6520	6518	6575	↑ 18,4%	↑ 0,8%	↑ 0,9%	
DAX	13719	15261	15156	15223	↑ 11,0%	↓ -0,2%	↑ 0,4%	
FTSE	6461	7086	7027	7086	↑ 9,7%	↓ 0,0%	↑ 0,8%	
PSI20	4898	5461	5477	5525	↑ 12,8%	↑ 1,2%	↑ 0,9%	
S&P 500	3756	4308	4357	4400	↑ 17,1%	↑ 2,1%	↑ 1,0%	
Nasdaq	12888	14449	14567	14654	↑ 13,7%	↑ 1,4%	↑ 0,6%	
Topix	1805	2030	1986	1962	↑ 8,7%	↓ -3,4%	↓ -1,2%	
MSCI Emerg	1291	1253	1247	1253	↓ -2,9%	↑ 0,0%	↑ 0,5%	
Shanghai	3473	3568	3568	3592	↑ 3,4%	↑ 0,7%	↑ 0,7%	

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-set-21	1-out-21	8-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
EUR/USD	1,2216	1,1580	1,1596	1,1566	↓ -5,3%	↓ -0,1%	↓ -0,3%	
EUR/JPY	126,18	128,88	128,79	129,40	↑ 2,6%	↑ 0,4%	↑ 0,5%	
EUR/GBP	0,8937	0,8593	0,8559	0,8485	↓ -5,1%	↓ -1,3%	↓ -0,9%	
EUR/CHF	1,0812	1,0786	1,0788	1,0747	↓ -0,6%	↓ -0,4%	↓ -0,4%	
EUR/AOA	795,17	701,91	701,65	699,20	↓ -12,1%	↓ -0,4%	↓ -0,4%	
EUR/MZN	91,50	73,93	74,18	73,82	↓ -19,3%	↓ -0,1%	↓ -0,5%	
Petróleo (Brent \$)	51,17	78,77	79,55	82,98	↑ 62,2%	↑ 5,3%	↑ 4,3%	
Ouro (\$)	1898,36	1756,95	1760,98	1759,70	↓ -7,3%	↑ 0,2%	↓ -0,1%	
Prata (\$)	26,40	22,17	22,54	22,50	↓ -14,8%	↑ 1,5%	↓ -0,2%	
Cobre (\$)	351,90	408,90	418,85	425,50	↑ 20,9%	↑ 4,1%	↑ 1,6%	
Soja (\$)	1315,25	1256,00	1246,50	1257,50	↓ -4,4%	↑ 0,1%	↑ 0,9%	
Milho (\$)	484,00	536,75	541,50	537,00	↑ 11,0%	↑ 0,0%	↓ -0,8%	